

A nova idade de Elda Pereira comemorada em grande estilo no *Armazém do Chef*

• PAGES. 4 e 5



Elda Pereira entre o marido, desembargador Manoel Gomes Pereira, e o Repórter PH

O sucesso da comédia *Tire 5 Cartas*, filmada em São Luís com um elenco de maranhenses

• PAG. 8

Reprodução

HÁ 50

anos morria (precisamente em 23 de setembro de 1973) o poeta Ricardo Eliécer Neftalí Reyes Basoalto, mais conhecido pelo seu pseudônimo e, mais tarde, nome legal, Pablo Neruda, cuja morte abriu uma trilha. Ele se identificou com a grandeza e a tragédia chilena e tornou-se o mais caro patrimônio daquele país e um dos mais valiosos da América Latina



1 Nesse 23 de setembro de 2023, celebramos o cinquentenário da morte do poeta Pablo Neruda, o animal ferido da palavra, com a certeza de que poesia é a palavra diante da morte, a distância de um braço entre o poeta e seu destino.

A tensão permanente do poema é a visão desse desenlace e é disso que se alimenta a sua eternidade. É por isso que o poeta sobrevive, não porque lute para ficar vivo, mas porque escreve sabendo que vai morrer. Quando, enfim, a última batalha desce sobre seu corpo em brasa, a obra grita, como condenada.

Pablo Neruda, morto há 50 anos, em Santiago do Chile, encarna esse animal que cruza todas as fronteiras e regressa à pátria para ser assassinado.

Está na moda hoje destruir o mito para celebrar a exposição das vísceras, compensação de um tempo onde triunfa a indiferença.

Assim, o vazio é confundido com virtude para privilegiar os “erros” de Neruda, como um poema para Stálin, por exemplo. Mas o que é datado, no poeta, morre com ele. O que permanece é o crepúsculo enrolado aos seus pés e a solidão, como um túnel.

2 Não é apenas a sua lírica que cresce quanto mais nos distanciamos do réquiem de 21 de setembro de 1973. Assoma a pátria, sua metáfora extrema: na hora em que morria, era o Chi-

NERUDA:

o animal ferido da palavra **50 anos depois de sua morte**

le que estava sendo devorado. Pois não bastava matar o presidente, era preciso também eliminar a esperança.

Neruda entendeu que tinha chegado a sua hora. E acabou-se, puxando a toalha no momento em que os tiranos comemoravam a vitória.

Do seu engajamento fica essa encarnação do povo e terra, o lirismo épico de sua caminhada, a manutenção do mito, não restrito ao seu país. Ele pertencia a uma raça quase extinta, aquela que sumiu do mapa porque o mundo mudou de estilo.

Já foi longe a época em que as nações cultivavam seu poeta, que recitava versos na praça e traçava biografias andarihas. Neruda alimentava assim a multidão faminta de História, ainda presa a palavras hoje mortas, como atávico, mártir, telúrico.

Neruda era um artista popular da palavra, mas a mensagem que ele inventou para a rápida pas-

sagem do tempo atraiu a atenção dos lobos. Mineram então sua sorte trazida do berço, desmoralizaram seu andar partido, imitaram seu timbre, roubaram-lhe a voz.

Pablo Neruda é a expressão maior desse romantismo tardio, desse último suspiro da imaginação emocionada, que morre nos braços do povo ao som da metralha.

3 Hoje, quando o Chile ressurgiu como tigre, lembramos o comportamento dos chacais. As manifestações do 50º aniversário do golpe de 1973 ainda não cobraram a conta. Falta visitar o túmulo do poeta, gritar seu verbo em praça pública.

Para o Brasil, retalhado numa guerra interminável – exatamente porque adiamos todos os desenlaces – ele inspira o tom de eternidade, que nos escapa. Estamos presos demais à pressa, à ilusão eterna do presente.

Muitos poetas apostam no supérfluo, no fugaz, no palavão – ainda iludidos de que é possível “chocar” alguém com gestos ou palavras, não fôssemos nós observadores permanentes das chacinhas.

A poesia brasileira costuma ficar dividida entre o mimetismo nerudiano e o espólio da demolição concretista, entre a pomposidade inútil e o falso vanguardismo.

Estamos mergulhados demais no horror para enxergar a poesia.

4 É nesse túnel que deve se desenhar o poema ainda em silêncio, como um animal ferido. A longa cicatrização imobiliza o gesto, enquanto a palavra estiliza nos vidros de uma nação que derrapou.

Nesse exílio obrigatório, a morte de Neruda abre uma trilha. Ele identificou-se com a grandeza e a tragédia chilena e tornou-se o mais caro patrimônio do país.

Precisamos deixar que ele nos toque com os dedos longos da palavra. Não podemos entretanto, mergulhar no equívoco de endeusá-lo, nem nos deixar enganar pela maior parte da sua obra póstuma.

O que ele mesmo publicou já basta: Vinte Poemas de Amor e uma Canção Desesperada, Confesso que Vivi, As mãos do Dia, Canto Geral, entre outros livros iluminados.

Fotos/Divulgação



Os artistas com Fransoufer e a curadora na vernissage da exposição. Esquerda para direita Aquino, Waldemar, Fidelis e Joel Dumara com o artista Fransoufer e a curadora Silvânia Tamer

ABERTURA DA EXPOSIÇÃO “MARANHÃO MEU MARANHÃO”

O Espaço de Artes Márcia Sandes, na sede da Procuradoria-Geral de Justiça, em São Luís, está sendo palco da mais nova exposição do artista plástico Fransoufer, intitulada “Maranhão Meu Maranhão”.

Composta de 30 telas inéditas, a mostra fica em cartaz até o dia 30 de setembro, de segunda a sexta-feira, de 9 às 15h.

Coordenada pelo procurador-geral de justiça em exercício, Danilo de Castro, a

abertura contou com a participação de membros e servidores do Ministério Público do Maranhão, magistrados, artistas plásticos e convidados.

Todas as telas foram pintadas na técnica acrílica sobre tela, as obras retratam cenas da cultura popular maranhense, sobretudo da Baixada Maranhense, sempre com cores vivas e formas geométricas acentuadas.

Com 48 anos de carreira, Fransoufer, que nasceu no município de Bequimão, em 1958, fez a primeira exposição

individual aos 15 anos de idade. Segundo ele, influenciado pelas manifestações culturais, pela religiosidade e pelas festas populares do Maranhão.

Curadora da obra do artista há 22 anos, Silvânia Tamer destacou o estilo e o compromisso do autor com a cultura popular. “Ele coloca em cada tela sua impressão digital, ressaltando uma pincelada firme, com o uso das cores mais vibrantes, inspirando-se sempre nas cenas da infância e do folclore maranhense”.



O Procurador Geral de Justiça do Maranhão, Dr. Eduardo Jorge Hiluy Nicolau visitando a exposição acompanhado da Procuradora de Justiça Maria Luiza Martins e da Promotora de Justiça Theresa Maria de la Iglesia



Dr. Júlio Moreira Gomes, Presidente da Academia Maranhense de Letras Jurídicas, com o artista Fransoufer e sua esposa Alaíde Amália, jornalista e produtora cultural



O ex-reitor e Prof. Aldy Melo de Araújo entre Ideraldo Lima Gomes e sua esposa Liana Furtado



Dr. Talvik Atta de Freitas, Dr. Sergio Tamer e Dr. Jean Machado.



A curadora Silvânia Tamer com seu esposo Sergio Tamer, o filho Rafael Costa com a esposa Andressa Costa, a filha Amanda Fontes e o genro Daniel Fontes



Uma conversa descontraída com as procuradoras de justiça Mariléa Costa e Regina Leite, com o juiz estadual Dr. Talvik Atta de Freitas



O Diretor do SEPLAG do Ministério Público, Dr. Ednarg Marques, com o juiz federal Rafael Costa e sua esposa, a advogada Andressa Costa



As empresárias e irmãs Luana Pinto e Leana Pinto com o artista Fransoufer.



Procuradoras de Justiça, Dra. Mariléa Costa, Regina Leite, Themis de Carvalho com o Diretor da Seplag, o promotor de justiça Ednarg Marques.



O empresário e escritor Carlos Gaspar, concedendo entrevista na exposição



Francisco Colombo, curador do MP, Lena Santos, coordenadora Geral da exposição e Dulce Serra, adm. do Centro Cultural do MP



O Presidente da Associação Maranhense de Advogados, Dr. Roberto Feitosa, com o professor doutor Sergio Tamer



O procurador de justiça com o promotor Fernando Barreto

EM LONDRES,

na festa de premiação de Anna Torres, esteve presente a única Mulher Rei viva

O título Mulher Rei já não é novo para a maioria, foi popularizado com o lançamento do filme da Sony Pictures estrelado por Viola Davis, em 2022, mas há uma Mulher Rei em vida, cujo nome, provavelmente, muita gente desconhece.

Falamos da rainha Diambi Kabatusuila Tshiyoyo Muata que podemos atualmente ver na nova série-documentário da Netflix, Rainhas Africanas.

Nascida na Bélgica e criada no Congo, Diambi Kabatusuila é filha de mãe belga e pai congolês diplomata. Com um vasto currículo acadêmico (entre Ciências e Economia), a rainha fala seis idiomas e está investida num périplo mundial para elevar a identidade africana e criar ligações de poder que beneficiem não só o continente mas também o povo africano e a sua diáspora.

Diambi Kabatusuila Tshiyoyo Muata é a rainha tradicional do povo Bena Tshiyamba de Bakwa Indu, do histórico Reino de Luba (século XVI).

Geograficamente, o reinado de Diambi Kabatusuila estende-se pela região de Kasai Central, parte do antigo Império Luba, e que integra as regiões de Luba (RDC), Kazembe (RDC/Zâmbia) e Lunda (Angola).

De essência pan-africana, a rainha Diambi é Doutora em Administração Pública, Doutora Honoris Causa em Filosofia em Humanidades, Cátedra em Direito e Ordem Internacional, Mestre em Ciências em Psicologia Aplicada, Mestre em



Anna Torres com Diambi Kabatusuila, a Rainha do Congo

Ciências da Saúde Mental e também possui um bacharelato em negócios, finanças e economia.

Ela já trabalhou como terapeuta de saúde mental infantil, especialista em toxicodependência, e como consultora de economia no Observatório Social Europeu para a Comissão Europeia, em Bruxelas, entre outras agências governamentais.

Atualmente, é diretora executiva do Umoja Institute, em Nova Orleans, EUA, vice-presidente do FOKABE, sem fins

lucrativos em Kinshasa, na República Democrática do Congo, fundadora da Elikia Hope Foundation e presidente do conselho de administração da African Views, Nova York, EUA.

Diambi Kabatusuila, cujo nome significa "a portadora de boas novas", foi coroada em 31 de agosto de 2016, tendo sido entronizada por todos os chefes Bakwa Luntu em 15 de julho 2017. O seu extenso título, Mukalenga Mukaji wa Nkashama wa Bakwa Luntu wa Baluba wa Kasai wa Congo, significa Mulher Rei da Ordem

do Leopardo do Povo Bakwa Luntu.

Em 5 de agosto de 2017, foi outorgada em Kinshasa pela Associação de Autoridades Tradicionais e Costumeiras do Congo; em 3 de março de 2019 foi coroada rainha-mãe do povo bantu do Brasil, em Salvador da Bahia, e foi também agraciada com a Medalha Tiradentes, a maior honraria do Parlamento brasileiro.

Líder ainda do World Indigenous Fórum, a rainha Diambi assumiu como principal missão o empoderamento social e econômico dos povos originários, com base nos seus próprios sistemas de valores, e a construção de alianças globais para acelerar o movimento Africa Rising, que em português pode ser lido como a ascensão de África.

A sua estratégia passa por fomentar a mudança de narrativa sobre o povo africano e o continente, trabalhando na promoção da restauração da identidade africana e em questões prementes como a problemática dos plásticos, a preservação do meio ambiente e do património cultural africano.

Importante: na cerimônia de entrega do prêmio Melhores do Brasil no Mundo, realizada esta semana em Londres, a mulher rei Diambi Kabatusuila Tshiyoyo Muata fez questão de cumprimentar a cantora maranhense Anna Torres, premiada na categoria "Bullock Internacional de Diversidade e Inclusão".

Prêmio Internacional para Anna Torres

Em Londres, ao receber o prêmio Melhores do Brasil no Mundo, na categoria "Bullock Internacional de Diversidade e Inclusão", a cantora maranhense Anna Torres homenageou o seu Maranhão:

"É com grande alegria que compartilho este momento que marcará para sempre minha jornada. Hoje, tive a honra de receber este prêmio que representa muito mais do que uma conquista pessoal; ele simboliza o poder da diversidade, da inclusão e da perseverança. Este prêmio é uma celebração de nossa identidade maranhense, agora reconhecida internacionalmente e eu o estou levando para o meu



Anna Torres segurando o troféu internacional em Londres

Maranhão. A categoria 'Bullock Internacional de Diversidade e Inclusão' não poderia ser mais significativa. Ela reflete um compromisso não apenas com a igualdade, mas também com a aceitação e valorização das diferenças".

E continua: "Gostaria de estender minha gratidão a todos aqueles que estiveram ao meu lado durante essa jornada desafiadora: família, amigos, mentores e colegas que sempre acreditaram na importância da inclusão e me inspiraram a seguir em frente. Este prêmio pertence a todos nós! Vamos continuar a trabalhar juntos para construir um futuro mais inclusivo e diversificado para as gerações vindouras".



Fotos/Paulo Soares

NOIVADO EM FAMÍLIA

Com uma cerimônia íntima, mas com um toque de amor em todos os detalhes, Victor Cunha (Diretor da Blitz Urbana) e Raquel Pflueger (arquiteta) reuniram a família para anunciar seu casamento e fazer a bênção das alianças.

Os dois, na foto acima, brindam de champagne. Embaixo, os noivos brindam com seus pais: ele é filho dos empresários Beto Calixto e Jacqueline Cunha, do Restaurante Espaço Gourmet, e ela é filha de Lídia Pflueger e Carlos Augusto Pereira dos Santos.



Os noivos com a tia dele, Eveline Cunha



Aqui, os noivos com as primas, tias e a avó do noivo



Os pais do noivo Lídia Pflueger e Carlos Augusto Pereira dos Santos e a avó dele, Theresa Soares Pflueger com os noivos

Dino no STF?

O governador Carlos Brandão acompanha à distância – mas com substancial interesse – a novela que envolve a possível ida do ministro Flávio Dino ao Supremo Tribunal Federal.

Por enquanto, tudo ainda é mera especulação, mas em Brasília muitos dão como certa a indicação do nome do maranhense para o STF.

E, claro, o fato, uma vez concretizado, interessa diretamente ao governador do Maranhão.

Fora do tabuleiro

Brandão sabe que uma ida de Flávio Dino para o STF muda toda a configuração política no Maranhão de agora.

Hoje, Dino é a grande liderança política do estado, e foi o responsável direto pela engenharia que levou Brandão ao Palácio dos Leões.

Com Dino fora do tabuleiro político, o governador assume integralmente o

comando político do Maranhão.

Nasce um novo líder?

Uma das consequências quase inevitáveis de uma ida de Flávio Dino para o STF será o sepultamento de uma eventual candidatura de Felipe Camarão ao governo do estado em 2026.

E por uma razão óbvia: Camarão é ligado umbilicalmente a Dino e está hoje como vice-governador por uma imposição do atual ministro da Justiça.

Com Dino longe da política, o governador Carlos Brandão sentir-se-á muito à vontade para montar uma sucessão em 2026 conforme o seu interesse – e os interesses do novo grupo formado sob liderança dele.

Prêmio para Ana Paula

A premiação mais robusta numa

eventual ida de Flávio Dino para o Supremo Tribunal Federal recairá sobre a cabeça de Ana Paula Lobato.

Hoje ela ocupa uma cadeira no Senado Federal, mas na condição de suplente de Dino.

Com ele no STF a esposa de Othelino Neto vai se aboletar em definitivo na Câmara Alta da República.

Síndrome petista

Parte dos integrantes do Partido dos Trabalhadores padece de síndromes que a ciência ainda haverá de estudá-las no futuro.

O PT dá-se ao trabalho de fritar talvez o quadro mais expressivo do governo Lula, o único ministro capaz de sair em defesa do presidente, de forma mais articulada.

E por que a fritura? Porque Dino, dentre os ministros de Lula, é aquele que de maior engajamento popular e que conquista a simpatia das variadas correntes da esquerda e classe artística.

Novo exame para Alzheimer

Chega ao Brasil nesta semana o exame americano PrecivityAD2, que, a partir de amostra de sangue simples, ajuda a identificar a doença de Alzheimer em estágios precoces.

A iniciativa de colocar o teste no mercado brasileiro é do Grupo Fleury. O procedimento vai custar R\$ 3,6 mil e, por ora, não há cobertura dos convênios.

A disponibilidade de um exame de sangue para diagnóstico da doença é importante para tornar esse processo mais acessível. Ele é quase três vezes mais barato que o PET amiloide (exame

de imagem), que custa cerca de R\$ 9 mil e é considerado o padrão-ouro para a identificação do quadro.

Ao mesmo tempo, é menos invasivo do que o teste de líquido (esse custa ao redor de R\$ 3,5 mil), que depende de punção na lombar, ou seja, uma agulha é usada para coletar o líquido da medula espinhal.

– Esse exame é uma análise de proteínas que estão relacionadas à doença de Alzheimer, a beta-amiloide, tau e tau fosforilada. É feito no plasma (do sangue) e com técnica mais recente, que a gente chama de espectrometria de

massa e é capaz de detectar mínimas variações nessas proteínas – descreve Aurélio Pimenta Dutra, neurologista do Fleury Medicina e Saúde.

Segundo Aurélio Dutra, o que diferencia o PrecivityAD2 de outros testes de sangue já disponíveis no Brasil é a capacidade de captar alterações na tau e também na tau fosforilada.

Os demais exames, explica, focam apenas na beta-amiloide e, por isso, só predizem risco de um quadro clínico estar associado à doença e não têm "capacidade diagnóstica".



A aniversariante ao lado do marido Des. Manoel Gomes Pereira se preparando para soprar a vela do bolo de aniversário



Salma Ksan, Rita Maria, Suellen Albuquerque, Elda Pereira, Luciana e Larissa Tupinambá



Aline Santana e Marcos André Braga com a aniversariante

NOITE DE CHARME

para Elda Pereira no no Armazém do Chef

Aniversariante da última terça-feira, Elda Pereira ganhou uma agradável recepção no restaurante Armazém do Chef, no Calhau, proporcionada por seu marido, desembargador Manoel Gomes Pereira, que reuniu

dezenas de parentes e amigos para um jantar especial pilotado por Maristela Escabin, que mandou preparar um menu de quitutes deliciosos para uma noite de altíssimo astral, regada a ótimas bebidas.



Desembargador Manoel Gomes Pereira e Elda com o Repórter PH



Antonio e Lorena Dominice fazem moldura para Elda Pereira



A família reunida: Leonardo (com o filho Bento), Brenno, Des. Manoel e Elda Pereira



Sérgio Balata, Benilde Lemos, e o Repórter PH



Benilde Lemos e Luciana Couto



Benilde Lemos e a filha Hanna Abda, Des. Manoel Gomes Pereira e Elda, o Repórter PH e Luciana Couto



Des. Manoel Gomes Pereira com o filho Brenno Gomes Pereira e a nora, cardiologista Kelly Luana Vieira



Leonardo Gomes Pereira com Elda e Des. Manoel Gomes Pereira



Salma Ksan, Ana Clara Tupinambá, Elda Pereira, Larissa Tupinambá, e Sofia Ksan



Rita Aranha Franklin, Elda Pereira, Luciana Franklin e Artur Franklin



Luciana e Rodrigo Tavares



Mateus e Mônica Saboya



Úrsula Barbosa e Fernando



Regina Barbosa, Elda Pereira e Thayna Liz Melo



Samilly e Leonardo Gomes Pereira

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



A aniversariante com Maristela Escabin (dona do Armazém do Chef)



Ursula Barbosa, Regina Barbosa, Elda Pereira, Thayna Liz Melo e Daniele Siqueira



Benilde Lemos com a filha Hanna Abda, Elda Pereira e Luciana Couto



Ilzy Prazeres e a aniversariante



Tamara Furtado e a aniversariante

De aromas, sabores e lembranças

Sou um admirador declarado de velhos vinhos, velhos livros e velhas casas. Os velhos vinhos jamais me desapontaram: são a sedutora prova de que o tempo pode parar. Os velhos livros nunca me desenganaram: neles se contém o espelho disso que chamam de – a condição humana. Amo velhas casas; mas outro dia uma doeu desoladoramente em mim.

Fazia uma manhã nublada, havia uns ensaios civilizados de brisa, de modo que resolvi estender minha caminhada até a Rua da Paz. Foi quando avistei a uma esquina uma lembrança emparedada. Detive-me contemplando o gasto casarão – uma morada inteira. Eu tinha sido apresentado àquela casa décadas antes. Era então uma morada sóbria, de discretas linhas clássicas, povoada dos risos e das vozes de uma família de descendência árabe – a família de Moysés Tajra, um empresário que colocou São Luís, ainda na metade do século passado, entre as capitais brasileiras mais bem servidas de salas de cinema.

Bateu nas minhas lembranças uma imensa saudade daqueles almoços de sábado. Comia-se na casa de Moisés Tajra, sempre aos sábados, um bacalhau digno do Eça. “Essa é boa, direis”. O sujeito já é rotundo como um lutador de Sumô e só fala em comida...

É que o sábado e o domingo, mais do que dois dias, são duas bocas. É no fim-de-semana que os estômagos e as mandíbulas se divertem, experimentando as iguarias que o palato vai acariciando, como se degustasse um produto de artístico refinamento.

O suco gástrico é atizado pelas mucosas do estômago, reagindo a estímulos exógenos, como a visão dos alimentos, e, mais do que isso, os seus cheiros, suas cores, as emanações de um bom assado, um peixe grelhado, um “faisão aux herbes” ou uma “perdiz na manteiga”.

São dias dedicados aos sabores da boa mesa – não há regime que não se curve a esse prazer gustativo. Todo mundo fia boa conversa em torno de uma mesa, tábua redonda do sacramento de domingo. Ou no repasto do sábado. Um churrasco. Um bacalhau. Uma galinha de cabidela. Uma carne assada na panela. Um filé de peixe. Um peixe-pedra frito. Um camarão no alho e óleo. Um mocotó.

No fim-de-semana, o homem se transforma numa “bernuça”. E não basta ter a boca grande. O olho também deve ser.

Um “grande” da Literatura portuguesa gostava tanto de comer bem que salpicou sobre sua obra um verdadeiro tratado culinário. Eça de Queirós perdeu, talvez, somente para o romano Apício Cláudio, que escreveu 10 tomos sobre gastronomia e fundou uma academia onde ensinava essa arte.

O “bacalhau” descrito em “Os Maias” aguça qualquer papila gustativa – é um verdadeiro “bacalhau de artista”.

E o que dizer da feijoada? É muito mais do que uma comida. É uma instituição. Há registros do desconcertado espanto de Pablo Picasso – na casa de Tarsila do Amaral, em Paris –, incrédulo diante da “receita” de uma feijoada:

– É um cozido de feijão preto, temperado com carnes de diferentes partes do porco. Mais as linguiças, o paio, o toucinho, as costelinhas. Serve-se na companhia de arroz, fatias de laranja, couve cortadinha e refogada... – explicou a artista brasileira.

E Picasso, perplexo, já aflito com tanta caloria, levantou a tampa da panela e exclamou:

– Não parece um prato. Mais parece merda...

Picasso não sabe o que perdeu. E certamente também não provou a “roupa velha”...

A obra de Eça está recheada desses aromas e desses sucos. Repleta de galinhas de cabidela, vitelas assadas, línguas estufadas, bacalhaus ao forno, bifés em frigideiras de barro, cozidos à moda alfacinha. Um “Bacalhau Assado ao Forno” fez o regalo do Ega e de Palma Cavalão em Os Maias, enquanto o Primo Basílio, o próprio, se deliciou com uma “Carne Assada à Moda da Luíza”.

Em A Cidade e as Serras, Eça colocou a culinária bem acima da lascívia, ao produzir diálogo em que revela o encantamento por uma fada das cozinhas, mulher descrita como o espantalho das alcovas:

– Bravo! Quem cozinha para ti?

– Uma afilhada do Melchior. Mulher sublime! Hás de ver a sua canja! Hás de ver a sua cabidela! Ela é horrenda, quase anã, com os olhos tortos, um verde e outro preto. Mas que paladar! Que gênio!

Eça seria bem capaz de se casar com a empregada, desde que a mulher lhe preparasse um bom “Gomes de Sá”, bacalhau que imediatamente viraria personagem de romance.

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



REENCONTRO DE AMIGOS

O cirurgião bariátrico mais famoso do Maranhão, José Aparecido Valadão, acompanhado da esposa Cida (foto acima), acaba de fazer uma viagem que incluiu cultura, lazer e aprimoramento profissional, por uma das

regiões mais bonitas da Itália.

Em Nápolis, ele mostrou a colegas do mundo inteiro, as técnicas desenvolvidas com sucesso, por ele e sua equipe, na área de cirurgia bariátrica, em São Luís.

Sobrou espaço para

conhecer Capri e Anacapri, a Gruta Azul, Sorrento e outros lugares fascinantes da Itália.

No último fim de semana, o casal reencontrou os amigos de sempre no Bistrô Grand Cru, para degustação de grandes vinhos italianos.



Thatiana e César Bandeira



Flávia e Nilson Ferraz



O Repórter PH e Thatiana Bandeira



Em outra mesa, com a simpatia de sempre, Rosário Buenos Aires e Solfière Alavá brindavam a alegria de viver

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Álvaro Carneiro e Tetê Marques, Milena Adler e João Marcelo Sá



Fernando Motta, Alvaro Carneiro e Epitácio Cafeteira Neto e Cintia Klant Motta



O Repórter PH e Fábio Lúcio Santos



O Repórter PH e Marisa Consalter



Wallquiria Moraes Lopes

BALADA NO VILLA REALE

Os bons tempos da boate Extravagance, no Calhau, foram revividos na noite do último sábado com uma esplêndida balada orquestrada por João Marcelo Sá, para comemorar seu aniversário, e Álvaro Carneiro, que comandou o espaço que marcou época na

noite de São Luís nos anos 1980 e 1990.

O palco da balada, com todos os recursos modernos de tecnologia, foi a casa de eventos Villa Reale, no Altos do Calhau.

Saudosistas e gente da nova geração animaram a noitada até alta madrugada.



João Marcelo Sá, Zeca Pinheiro, Alvaro Carneiro e o filho Epitácio Cafeteira Neto



Milena e João Marcelo Sá, Sergio Bezerra e Sthayne Silva



Álvaro Carneiro e o DJ Sergio Murilo



Milena e João Marcelo Sá com George e Joseane Araújo



Diógenes Nascimento e Carla



Mariana e Guilherme Belfort



Pedro Ivo, Rosy Gonçalves e Elcimar Ferraz



Luiz Guilherme Lacerda e Raquel Brum



Rannieri Lopes e Wallquiria



Denilma Gomes e Walter Amaral



Anna Gomes e Everildo Bastos

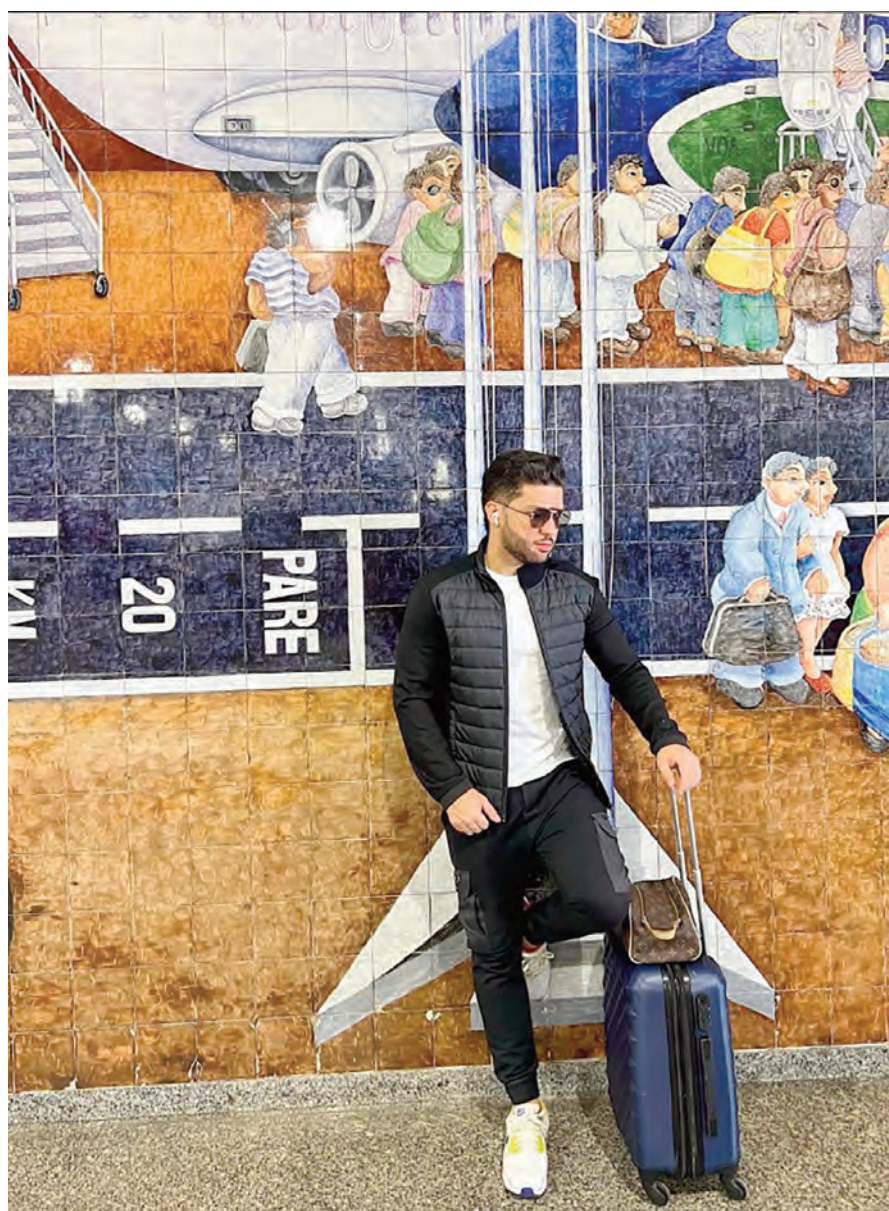


Gardênia Rodrigues, Patrícia Maranhão e Tatiana Gomes

Evandro Júnior

evandrojr@mirante.com.br

TAPETE VERMELHO

 _evandrojr @evandrojr

O goiano Lucas Seabra vai desembarcar neste domingo no Casarão Colonial levando na bagagem o melhor do repertório da música sertaneja. O talentoso artista canta para o céu e as estrelas com sua voz de longo alcance. Mas o espaço da Rua Afonso Pena também receberá Bruno Shinoda, Feijoada Completa e Os Parças. Aos torcedores de plantão, a pedida é chegar cedo para assistir à transmissão, em telão de Led, do duelo entre Flamengo x São Paulo



Fotos/Divulgação

Otro time de peso, formado por representantes de três produtoras, fez o comunicado de uma parceria para a realização de duas grandes festas de Réveillon em São Luís. Ricardo Fernandes (Pororoca Produções), Antônio Paizão (Reprise Produções) e João Marcelo Sá (FDS Produtora) anunciaram o Réveillon Sunrise, confirmado para o Hotel Blue Tree, e o Réveillon Privilégio, também confirmado e que terá como cenário o Círculo Militar, na Avenida Litorânea. É uma união de forças para incrementar ainda mais duas propostas de festas da virada já tradicionais. O Sunrise, por exemplo, contabiliza 14 anos de sucesso, sendo o evento do gênero mais numeroso e duradouro. Começou no late Clube, na Península da Ponta d'Areia, e pelo terceiro ano será realizado no empreendimento comandado pela comprometida e talentosa empresária Jacira Haickel, aos auspícios da Pororoca e da Reprise. Os detalhes, claro, ainda serão revelados mais adiante



Com sua candidatura à presidência do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Maranhão (CREA-MA), o engenheiro civil Emanuel Miguez segue confiante na vitória. Não à toa. Afinal, ele tem mais de 30 anos de atuação na engenharia maranhense e conhece muito bem o mercado e os anseios das categorias representadas. Com o slogan "O CREA-MA mais perto de você!", a campanha do engenheiro vem ganhando cada vez mais apoiadores (que se manifestam nas redes sociais), principalmente entre os profissionais que almejam mudanças e avanços na entidade



CLICK Ricardo Carreira (Faene), Jacira Haickel (Blue Tree) e Michele Carreira (Faene), que nesta segunda-feira promovem, no Blue Tree Hotel, a masterclass "Maranhão na Rota do Turismo – Gastronomia, Hotelaria e Eventos", reunindo convidados, autoridades e profissionais de destaque nessas áreas. Participarão os empreendedores Lula Fylho (Por acaso Bar e Restaurante Casa de Juja), Marcelo Aragão (4Mãos Eventos e Qu4tro Bar), o secretário municipal de Turismo de São Luís, Saulo Santos, o presidente da Associação Brasileira da Indústria de Hoteis (ABIH/MA), Armando Ferreira, e a presidente da Associação Brasileira de Bares e Restaurantes (ABRASEL/MA), Camila Di Minda

- A Companhia Barrica do Maranhão está dando continuidade, em sua sede, na Casa de Arte Barrica, ao projeto "Vivência Cultural e Educacional".

- Com patrocínio da Equatorial Energia, via Lei Estadual de Incentivo à Cultura, do Governo do Estado, a iniciativa é voltada para o saber das tradições e manifestações culturais a partir dos ciclos festivos juninos, carnavalescos e natalinos.

- O projeto é marcado por visitação de alunos de escolas públicas e particulares, sempre às 15h, e aulas de danças juninas e carnavalescas capitaneado por coreógrafos da companhia, às 19h.

- A primeira parte da programação é uma visita guiada pelas dependências do prédio principal e anexo, ou seja, pelos espaços onde produtores, artistas e colaboradores se debruçam o ano inteiro sobre o trabalho de criação dos espetáculos musicais que se tornaram referências de criatividade no Maranhão e ganharam o mundo em viagens internacionais.

- Os estudantes fazem uma parada especial para conhecer a exposição "Ponto de Luz", que retrata a trajetória da Companhia Barrica desde 1985, reunindo mais de 70 elementos, incluindo indumentárias, instrumentos de percussão tradicionais, CDs, DVDs, painéis fotográficos, banners com reportagens sobre espetáculos em diversos países e lembranças (souvenirs) recebidas em viagens nacionais e internacionais.

- O segundo momento é o aula de danças juninas e carnavalescas, onde os alunos aprendem as coreografias executadas nas apresentações do Boi Barrica (São João) e Bicho Terra (Carnaval), tudo ao som de uma orquestra de metais.

- As atividades também são voltadas para avaliação artística de elenco e abertas a pessoas que já pleiteiam participar das temporadas carnavalesca e junina de 2024. As escolas interessadas em participar devem se inscrever para poderem proceder ao agendamento.

Apaixona São Luís

É neste sábado o festival 'Apaixona São Luís', no Centro Histórico, na área em frente ao Convento das Mercês, com shows de Nadson 'O Ferinha', Desejo de Menina, Kevi Jonny, Asas Livres e Pablo. Pelo que se ouve falar nos bastidores, o evento vai bombar.

Show de Thiago Martins

Thiago Martins, que vai se apresentar na 'Ilha do Amor' no dia 27 de outubro, às 20h, no Círculo Militar (Avenida Litorânea), durante evento assinado pela produtora 'Elas em Produção', da dupla Ana Sousa e Gina Mondego, vai cantar clássicos do repertório que faz parte de seu projeto gravado há alguns anos no Mirante do Arvrão, no Vidigal, e que virou turnê", disse Gina Mondego.

São Luís gosta de samba, diz Anna Sousa

Segundo Anna Sousa, o evento será marcado por uma apresentação especial. "Afinal, São Luís é uma cidade que gosta bastante de samba. Não é à toa que contamos com diversos artistas e bandas que se apresentam em diversos espaços dedicados ao samba. Sem dúvida, será uma noite bastante divertida, jovial e dançante", afirma. Os ingressos estão à venda na FitStore by Combate (Avenida dos Holandeses), Combate (Shopping da Ilha), Bilheteria Digital e pelo Whatsapp 998) 98513-3449.



Os DJs Claudinho Polary, Mauro Dejota e Henrique Carvalho promovem, neste sábado, no Palazzo, mais uma edição arrebatedora da festa Hot Mix Brasil, desta vez com uma presença internacional: a cantora holandesa Nathalie Aarts, que fará um show para tocar na alma de quem tem saudades dos anos 90. O evento começa às 21h e está imperdível



A atriz Lília Cabral, que tem um desempenho soberbo, digno de prêmio, e o grande idealizador do filme, Joaquim Haickel

O HUMOR

é uma importante expressão da cultura popular brasileira

No cinema, os filmes cômicos apresentam uma ideia de permanência, rara na história da arte cinematográfica no Brasil, composta de ciclos bruscamente interrompidos.

Durante os anos 1950, as comédias atraíram público o bastante para se autofinanciar e até gerar lucro. Ainda hoje pertencem ao gênero cômico os poucos títulos que competem com longas estrangeiros nas salas de cinema comercial, embora sejam execradas por críticos e intelectuais.

A vocação popular do gênero é o motivo pelo qual se faz importante a análise dos filmes. Atualmente, as comédias brasileiras voltadas para o grande público são exemplos de como a cultura globalizada influencia os produtos culturais locais, que passam a exprimir conteúdos, valores e padrões estéticos desterritorializados, com fortes características de hibridismo.

Algumas monografias que tenho lido, pretendem investigar esse fenômeno, tomando como base teórica o estudo conceitual do gênero cômico, desde sua origem no teatro, até ser incorporado pelo cinema.

No contexto atual, a tela cinematográfica não é mais hegemônica e vem incorporando as demais telas que dividem a atenção do público. Sites de compartilhamento de vídeos, câmeras digitais, smartphones, todas essas tecnologias têm transformado a forma com que os usuários veem o mundo, bem como suas expectativas em relação aos produtos culturais.

A comédia, como gênero dinâmico e sensível às mudanças sociais, reflete essa nova maneira de consumir audiovisual.

A comédia é um dos gêneros mais intrinsecamente ligados à história do cinema. Desde o fim do século XIX, quando as exposições ainda eram mudas, muitos filmes de comédia paspalhona começaram a surgir para encantar as multidões, que podiam entender os personagens apenas por suas expressões cômicas e situações fortemente eschachadas.

O primeiro filme de comédia da história é de 1896 e foi produzido pelos Irmãos Lumière; trata-se de "L'arroseur arrosé" ("O Regador Regado"), um filme que conta a história de um jardineiro atormentado por um garoto que faz travessuras com

seus instrumentos de trabalho. Foi no início do século XX, no entanto, que conhecemos o ator considerado como um dos Pais da Comédia, tendo inspirado, inclusive, o icônico Charles Chaplin: o francês Max Linder. Seu nome real era Gabriel Leuvielle, mas ele se encontrou tanto em seu elegante e atrapalhado personagem Max, que acabou por ser reconhecido por sua obra-prima.

Logo após o sucesso de Linder na Europa, desponta a estrela do londrino Chaplin, o mais famoso ator e diretor de comédia de todos os tempos. De tão famoso, o estilo de Chaplin é reconhecido em muitos filmes de hoje como o gênero cômico chapliniano. Seu caráter humanista, sempre explorado com humor em seus filmes, trouxe os grandes sucessos "Luzes da Cidade" (1931), "Tempos Modernos" (1936) e "O Grande Ditador" (1940).

Outro grande ator da época que protagonizou alguns dos filmes de comédia mais importantes do cinema foi o caricato Buster Keaton. Considerado o rival da fama de Chaplin, Keaton não alcançou toda a fama de Carlitos principalmente devido ao seu tipo de humor – aquele cheio de quedas, fugas e feições – não ter conseguido sobreviver ao cinema falado. Os filmes imortais de Keaton, no entanto, permaneceram: "A General" (1927) e "O Homem das Novidades" (1928).

Mais para frente, surgiram as estrelas Peter Sellers e Jack Lemmon – este último tendo atuado muito com Billy Wilder, que se destacou principalmente pela comédia "Quanto Mais Quente Melhor" (1959), com Marilyn Monroe. Enquanto isso, no Brasil, tivemos como destaque na comédia o inesquecível Mazaropi, com seu personagem Jeca homônimo que estrelou mais de trinta filmes, como "Jeca Tatu" (1959) e "O Corintiano" (1966).

Mazaropi se destacou não apenas pela atuação e direção, mas por ter conseguido construir um verdadeiro empreendimento para fazer a distribuição de suas obras.

Sendo um dos gêneros literários e teatrais mais antigos do mundo, a comédia não podia deixar de estar presente no cinema desde sempre. Seguindo as tradições do teatro clássico erudito e de vaudeville, o cômico chegou ao cinema mudo e depressa se integrou nas regras do sonoro. A variedade de formas e estilos



O ator Déo Garcez é um dos talentos do Maranhão que tem destaque no filme Tire 5 Cartas

abrange desde a farsa e a tragédia até a sátira e a paródia, exprimindo-se de forma sofisticada ou vulgar.

O cinema cômico dos primeiros tempos vive, em geral, à volta de um ator-personagem, como Charlot ou Laurel e Hardy, ou de um ator cômico que interpreta várias personagens, como é o caso de Jerry Lewis.

O termo comédia é de origem grega e denominava as manifestações festivas em homenagem ao deus Dionísio ou Baco. Depois foi ganhando o significado de alegria nas artes cênicas, principalmente no teatro.

A comédia pode estar presente em espetáculos, histórias ou em filmes, que recorre intensivamente ao humor.

De forma geral, comédia é o que é engraçado, que faz rir. Independentemente se está relacionada com pessoas, coisas ou em um sentido "agressivo" não deixa de ser comédia. O comediante é aquele que possui o dom de fazer as pessoas rirem.

No surgimento do teatro, na Grécia antiga, a arte era representada, essencialmente, por duas máscaras: a máscara da tragédia e a máscara da comédia. Nesse contexto histórico, a tragédia tratava de pessoas superiores (heróis) e

qualquer preocupação com a continuidade narrativa. Depois, a comédia passou a se desenvolver com falas e piadas curtas.

Pela ordem: Vaudeville, Music Hall e Circo, espaços pioneiros da comédia.

O filme cômico, que se caracteriza pela inclusão de gags, pilhérias ou brincadeiras, tanto visuais como verbais, começou sua existência já no início do cinema com o curta L'arroseur Arrosé (O Regador Regado), de 1895, filme francês dos irmãos Lumière, considerado a primeira comédia do cinema. O cinema mudo, que vigorou no período de 1895 a 1927, desenvolveu bem o gênero da comédia.

Desde o começo, criaram-se filmes em que se mostravam imagens que alegravam ou faziam rir o espectador. Nessas comédias, em sua maioria produzidas nos Estados Unidos, utilizavam-se de perseguições, golpes, quedas, correrias e surpresas dos personagens para conseguir riso do público. Era um cinema cheio de golpes com tortas, choques de automóveis, perseguições policiais e inúmeras situações mais ou menos insólitas.

Foi nos Estados Unidos que a comédia no cinema ganhou dimensão e conquistou o mundo, com muito vigor no cinema mudo. As comédias abordavam temas rapidamente absorvidos pelo público, tais como críticas ao casamento, escola, ordem pública, numa forma de "criticar a si mesmos". As comédias mostravam também roubos grotescos, flertes com a mulher do amigo, mentiras e enganos. O artista americano Max Sennet, considerado o 'rei da comédia', fundou em 1912 o estúdio Keystone, produzindo suas próprias comédias mudas e foi um pioneiro desse gênero.

Tire 5 Cartas

Nos últimos tempos, a comédia brasileira está enfrentando uma onda de união do público nas salas de cinema. Culpa, em parte, da qualidade desses filmes que, nos últimos tempos, apresentam produções bem abaixo da média. No entanto, uma boa surpresa chegou com o desabrochar das primeiras florações da primavera tropical no Brasil, com o divertido e leve Tire 5 Cartas.

Quem ainda não viu essa película, não sabe o que está perdendo. Dirigida por Diego Freitas (conhecido por histórias mais densas, como O Segredo de Davi), o longa-metragem conta a história de Fátima (Lília Cabral), uma mulher que saiu de São Luís do Maranhão para o Rio de Janeiro para realizar o sonho de ser cantora. Mas, com o passar dos anos, o seu sonho foi ficando cada vez mais distante e ela se viu obrigada a trocar os palcos pelas cartas do tarô.

Só que as coisas ficam ainda mais complicadas quando Fátima se envolve em um crime e, desesperada, fuge com seu marido Lindoval (Stepan Nercessian) de volta para sua família em São Luís.

É, assim, um típico filme de volta às origens. Fátima é confrontada não apenas com as pessoas que deixou para trás, mas também com seus sonhos de uma jovem mulher que saiu da capital maranhense cheia de sonhos. Nesta altura da vida, voltando para seu berço, ela precisa se perguntar: será que valeu a pena? Será que sair de casa e ir em busca do sonho funcionou?

São perguntas que se aproximam do existencialismo, mas que param muito antes disso. Tire 5 Cartas, afinal, é um filme leve, pra cima, que quase nunca vai nos lugares obscuros que surgem aqui e ali. Muito disso também por conta da boa atuação de Lília Cabral, que coloca leveza em uma Fátima que, nas mãos erradas, poderia ser uma trapaceira qualquer.

Diego Freitas também surpreende ao colocar uma boa dose de cultura brasileira aqui, indo desde a rotina de São Luís até cultura popular com músicas (e surpresas) de

Sidney Magal e a diva maranhense Alcione.

É indiscutível que Tire 5 Cartas é um filme muito positivo – um refresco no mar de coisas ruins que estão nascendo no meio da comédia brasileira. É original, divertido e, mesmo simples, corajoso em não tentar se complicar. Tudo isso sem falar no ótimo espetáculo de Lília Cabral, sempre bem em cena.

O filme tem roteiro assinado por Joaquim Haickel, que foi o grande idealizador do projeto, juntamente com Gustavo Pinheiro, Diego Freitas, Melina Dalboni, Julia Antuerpem e Giulia Bertoli. E reúne um elenco que tem Lília Cabral e Stepan Nercessian como protagonistas, mais Cláudia DiMoura, Guilherme Piva, Sérgio Malheiros, Giulia Bertoli, Gabriel Godoy, Allan Souza Lima, César Boaes, Claudiana Cotrim, Thaynara OG, Mathy Lemos

Tire 5 Cartas, independente do que for visto por uma cartomante em seu futuro, é uma saída possível para o equilíbrio, entre realização e proposta sem pudor na direção do acessível. A começar pela evolução muito óbvia de Diego Freitas. Rapidamente, esse jovem diretor saltou casas na direção de um melhor emprego de seu talento ascendente. É exatamente o que ele demonstra em Tire 5 Cartas, com assinatura de uma produção que soa estando à frente dos trabalhos, mas que seu diretor nunca deixa a própria visão parecer menos comprometida em assinatura.

Em Tire 5 Cartas, temos uma Lília Cabral como não víamos no cinema desde Divã. É muito bom ver uma grande atriz em cena, mas é ainda melhor quando a encontramos bem marcada, conduzida com qualidade, reproduzindo bons textos que cabem na sua boca, e acompanhada por uma constelação. Cláudia DiMoura, Gabriel Godoy, Guilherme Piva estão ótimos, muitos deles livres dos vícios televisivos, mas é a presença mágica de Stepan Nercessian que carrega muitas camadas do filme. Sua química com Lília nos remete ao melhor do clássico Vale Tudo, e ver Aldeide e Jarbas reunidos é daqueles momentos de prazer que não sabíamos que precisávamos rever.

A chegada dos personagens de Lília Cabral e Stepan Nercessian ao Maranhão, conta com exímias qualidades da montagem de Alexandre Boechat e Fábio Jordão – o segundo, vindo de trabalhos notáveis na TV.

Um aspecto de Tire 5 Cartas que não pode ser esquecido, e que agrega toda a efusividade que está explícita no filme é o palco escolhido para sua trupe aportar. São Luís é um lugar que exala cor, paixão, alegria, sua vibração ecoa em todo o elenco, nas cores da direção de arte e na proposta cênica. É um espaço geográfico que recupera um aval quase lúdico ao filme, sem nunca deixar de ser naturalista também, mas um naturalista que tem a ver com o local que filma.

Destaque para as participações relâmpago das socialites Jacira Haickel e Beth Maciel Soares e da cantora Flávia Bittencourt, contracenando com a protagonista Lília Cabral, fazendo consultas através das cartas de tarô.

Com relação aos profissionais locais, com os atores maranhenses como Áurea Maranhão, Déo Garcez, Claudiana Cotrim e César Boaes, além da presença da comunicadora Thaynara OG, que dá vida a uma aspirante a influenciadora digital e moradora da pensão de Fátima, e com os cenários naturais que visita, o filme é um banho de homenagem a um estado, e que nunca se vale de uma forma institucional para se vender. É espantoso que, com tantas possibilidades de sair algo duvidoso (incluindo um roteiro assinado por 12 mãos), a produção acerte com aparente facilidade.

O filme não só diverte, como também celebra o Maranhão de forma excepcional.



Roberto Carlos assediado pelas fãs em busca de uma rosa vermelha ou branca

ROBERTO CARLOS: entre clássicos e rosas, o “Rei” emociona os fãs de São Luís

Foi diante de um Espaço Reserva com um público de mais de mil pessoas que, às 21h20min da última terça-feira, a banda regida pelo maestro Eduardo Lages começou a entoar os primeiros acordes de “Como é grande o meu amor por você”. Era um anúncio de quem estava por subir ao palco em poucos minutos: Roberto Carlos.

A banda tocou ainda um pot-pourri de sucessos do ex-Jovem Guarda até que, às 21h25min, Roberto Carlos surgiu no palco. De terno azul e camisa e sapatos brancos, o Rei foi recebido sob aplausos e apaixonados gritos de “Eu te amo”. Suspirou no microfone, como se igualmente apaixonado pelos fãs, e interagiu pela primeira vez com o público. – Quero dizer uma coisa para vocês. Simples, mas importante – disse, emendando os versos iniciais de Emoções (“Quando eu estou aqui / Eu vivo esse momento lindo...”).

Showman que é, o cantor esboçou alguns passos de dança já na primeira música. Foi o suficiente para levar à loucura os fãs de São Luís, que levantaram das cadeiras mais uma vez para aplaudi-lo.

Depois de mostrar que, aos 82 anos recém completados, ainda é pé de valsa, Roberto Carlos conversou novamente com a plateia, agradecendo a presença de todos e confessando:

– Poderia dizer várias coisas, mas meu negócio é cantar. E seguiu o espetáculo com a canção “Como Vai Você”.

Com “Além do Horizonte”, o Rei abriu a sessão de clássicos da Jovem Guarda, movimento musical que agitou o país em meados de 1960. Foi neste período que todos conheceram a versão rebelde dele, representada por canções como Ilegal, Imoral ou Engorda, a escolhida para dar seguimento ao show. O público voltou aos anos 1960 e, batendo palmas, acompanhou o cômico refrão: “Paro pra pensar, mas eu não posso mudar / Que culpa tenho eu? Me diga, amigo meu / Será que tudo que eu

gosto é ilegal, é imoral ou engorda?”.

A seriedade voltou a reinar na canção seguinte, “Detalhes”, interpretada por um Roberto Carlos já sentado. A música de amor arrancou lágrimas de alguns fãs na plateia, servindo como uma amostra do que viria a seguir: um bloco das mais românticas de Roberto Carlos. Antes de iniciar a canção seguinte, o Rei avisou:

– O verdadeiro amor resiste sempre!

Convicto, emendou a apaixonada “Outra Vez” (“Você foi o maior dos meus casos / De todos os abraços / O que eu nunca esqueci...”). Prestes a seguir com “Olha”, parceria de Erasmo Carlos com Chico Buarque, Roberto Carlos afirmou que desejava dedicar a música a alguém especial. E foi assim que centenas de braços se levantaram no Espaço Reserva – quem não quer ser alguém especial para o Rei, afinal? A maior parte do público presente no show queria. A prova veio nos gritos de “Eu vou” ouvidos pelo auditório quando a música chegou ao refrão, que diz: “Olha, vem comigo aonde eu for / Seja minha amante e meu amor / Vem seguir comigo o meu caminho / E viver a vida só de amor”.

Com Nossa Senhora, Roberto Carlos conquistou mais de mil backing vocals – a plateia inteira cantou. Mas foi quando um som de buzina foi ouvido no auditório, avisando que o calhambeque de Roberto Carlos estava por chegar, que o público usou mesmo toda sua potência vocal. O Rei aproveitou a comoção para dar uma pausa, voltando ao palco poucos minutos depois. E já emendando os versos “Mandei meu Cadillac pro mecânico outro dia / Pois há muito tempo um concerto ele pedia...”.

A música agitou os fãs e Roberto Carlos, percebendo que o show estava em seu ápice, aproveitou para brincar que estava indo embora. Não estava. Afinal, nem o Rei ousaria encerrar o show sem cantar “Lady Laura”, música que ele fez para a sua mãe e que eu chorei lembrando do minha, que

adorava essa música.

– Canto essa canção em todos os shows, mas hoje quero dedicar essa música a todas as mães presentes, a todas as mães do mundo, e à minha, que está lá no céu – disse ele.

Após “Lady Laura”, Roberto Carlos puxou “Evidências”, de Chitãozinho & Xororó, interpretada por ele em ritmo mais lento, bem ao estilo balada romântica. O público entrou tanto no clima que, do lado esquerdo da plateia baixa, uma voz gritou:

– Casa com a minha mãe, Robertooooo!

O Rei não respondeu, mas até parece ter escutado o pedido inusitado: escolheu a música “Esse Cara Sou Eu” para dar continuidade à apresentação. Humilde, brincou que o “cara” da canção não é ele, mas disse tentar ser ao menos parecido com o personagem. E ouviu mais declarações vindas da plateia.

– Tu é o cara sim, Roberto Carlos! – alguém corrigiu.

Em “Amigo”, o Rei aproveitou para homenagear o Tremendão, que faleceu no ano passado. “Não preciso nem dizer / Tudo isso que eu lhe digo / Mas é muito bom saber / Que Erasmo é meu amigo”, cantou ele, adaptando a letra enquanto apontava para o céu. A homenagem seguiu em “Como É Grande o Meu Amor Por Você”, canção com a qual o Rei expressou seu amor também pelos fãs de São Luís.

A música derradeira foi Jesus Cristo. Tão logo os acordes da canção começaram a tocar, o público deixou as poltronas e correu para a frente do palco – literalmente correu. Não dava para esperar, havia chegado o momento mais aguardado do show: a entrega das rosas.

Roberto Carlos começou a distribuir as flores por volta das 22h50min. Sem pressa, beijou algumas antes de atirar à plateia. E a despedida silenciosa veio cerca de 10 minutos depois, também com um beijo atirado aos fãs, às 23h, quando o Rei deixou o palco, após uma noite de grandes emoções.



O Rei interpretando suas músicas mais românticas



Roberto Carlos beijando as rosas para jogá-las para as fãs



Francimar Plantier, Rosimar e José Carlos Salgueiro, Glauco Salgueiro e Socorro Guimarães



O prefeito Eduardo Braide e a vice-prefeita Esmênia Miranda



Fernanda Mendonça, Ana Cristina Maranhão, Virgínia Albuquerque e Silvana Duailibe Abreu



Lourdinha Almeida entre Rosa Sá e Daniella Sá



Leonardo Barros, Clores Holanda, Glorinha Holanda e o Repórter PH



Vanuza e Benjamin Franklin Alves com Teresa e Thucidés Frota



Cristiano Barroso Fernandes com o Prefeito Eduardo Braide e Graziella e o ex-deputado Antonio Carlos Braide

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Roberto Carlos fez questão de dar uma rosa para esta senhora de 107 anos, ao lado da delegada Edla Pinheiro



Mariléa e Desembargador Gerson de Oliveira Costa Filho



Milina e Desembargador Jamil Gedeon Neto



Mauro Fecury e Ana Lúcia



Eduardo Braide e Graziela



Ana Elizabeth Fecury e Fábio Braga



Milda Hermes, Alda Hermes e Noelia Cutrim



Soraya Gonçalves, o Repórter PH, Maria Vandira Peixoto e Glorinha Holanda



Ricardo Roberto Sousa e a juíza Vanessa Clementino



O Repórter PH e Virna Fecury Zenni com Dirce Fecury Zenni e Mauro Fecury



O secretário de Cultura da Prefeitura de São Luís, Marco Duailibe



A vice-prefeita Esmênia Miranda e o PH



Reis Júnior e Paula Goulart



José Clementino, o Repórter PH, Dulce Clementino, Maria da Graça Brandão e Mariana Clementino Brandão



Leandro Marcos Maciel e Renata Bogéa